

SERTANEJAS CONECTADAS: AUTONOMIA E SUBJETIVAÇÃO POLÍTICA NOS USOS DO FACEBOOK POR MULHERES NO SERTÃO DO PIAUÍ¹

SERTÃO WOMEN CONNECTED: AUTONOMY AND POLITICAL SUBJECTIVATION IN FACEBOOK USES BY WOMEN IN SERTÃO OF PIAUÍ

Tamires Ferreira Coêlho*

Angela Cristina Salgueiro Marques**

RESUMO:

Este artigo tem como foco os usos e apropriações da rede social *Facebook* por mulheres no Sertão do Piauí. O objetivo é analisar como esses usos e apropriações por parte das sertanejas podem contribuir para a construção de sua autonomia e de sua subjetivação política. A partir de uma mescla entre as matrizes teóricas europeia e latino-americana, correlacionamos as interações e usos tecnológicos das mulheres aos conceitos de autonomia (WARREN, 2001; REGO; PINZANI, 2013) e de subjetivação (LAZZARATO, 2014). Nossa construção metodológica é embasada em uma combinação entre a netnografia (KOZINETS, 2002; 2010) e a *Grounded Theory* (ALLAN, 2003), articulando procedimentos de coleta de dados como entrevista, observação participante e diário de campo. Percebemos, preliminarmente, que o *Facebook* é importante para a construção da subjetivação e da autonomia das mulheres, ultrapassando fronteiras geográficas e simbólicas, além de proporcionar um “aparecer” através de imagens.

PALAVRAS-CHAVE: Subjetivação; Autonomia; Mulheres do Sertão do Piauí

* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social na UFMG, bolsista CAPES. MINAS GERAIS, Brasil. tamiresfcoelho@gmail.com

** Pós-doutora pela Université Stendhal, Grenoble 3; Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG. MINAS GERAIS, Brasil. angelasalgueiro@gmail.com

ABSTRACT:

The aim of this article is to investigate the uses and appropriations of the social network Facebook by women in Sertão of Piauí (Brazil). The objective is to analyze how these uses and appropriations by the Sertão women can contribute to the construction of their autonomy and of their political subjectivity. From a mixture between European and Latin American theoretical frameworks, we correlate the women's technical interactions and uses to the concepts of autonomy (WARREN, 2001; REGO; PINZANI, 2013) and subjectivity (LAZZARATO, 2014). Our methodological construction is grounded in a combination of netnography (KOZINETS, 2002; 2010) and Grounded Theory (ALLAN, 2003), articulating data collection procedures like interviews, participant observation and field diary. We noticed, preliminarily, that Facebook is important to the constitution of women subjectivation and autonomy, overcoming geographical and symbolic boundaries, and providing a "show up" through images.

KEYWORDS: subjectivation; autonomy; women from Sertão of Piauí

INTRODUÇÃO

Este artigo reflete acerca das possibilidades da constituição de autonomia e de subjetivação a partir dos usos e apropriações da rede social *Facebook* por sertanejas piauienses, mais especificamente, na região do Vale do Guaribas-PI. Entendemos que é relevante pesquisar como as mulheres de uma região com tantas carências comunicacionais², que tiveram contato recente com a TV e a internet em um curto período de tempo, a partir da expansão da oferta de energia elétrica no Sertão, têm a possibilidade de conexão com boa parte do mundo utilizando uma rede social tão disseminada quanto o *Facebook*. Além disso, é necessário investigar como se constitui a existência digital dessas mulheres e que tipo de expressão de si as permite tomar a palavra e ganhar rosto diante de outros indivíduos.

A preferência por pesquisar mulheres se dá porque o Sertão é uma região marcada por traços culturais ainda muito atrelados ao machismo e a tradições patriarcais. Ainda há locais, como na cidade de Guaribas-PI, em que o uso de redes sociais por mulheres ainda passa pelo crivo dos maridos ou companheiros, que muitas vezes mantêm perfis online e não permitem que elas criem seus próprios perfis.

Apesar de podermos visualizar um contexto de maior autonomia financeira das mulheres, a partir da renda obtida por meio de benefícios do governo federal, isso não

significa que haja a plena igualdade, ou que a desigualdade de gênero tenha se extinguido. As mulheres pobres, em sua grande maioria, são invisíveis, têm sua palavra e seus corpos desvalorizados, encontrando inúmeros obstáculos para a conquista da cidadania e do reconhecimento social (SOUZA, 2006; MARQUES, 2007), seja por sua condição estigmatizada de pobreza, seja também por uma questão de desigualdade e de assimetrias de gênero.

Assim, considerando um contexto de injustiças econômicas e simbólicas no qual as mulheres têm mais facilidade de acesso à informação e estão conquistando uma maior independência, inclusive financeira, instiga-nos pensar como os usos e apropriações das redes sociais podem nos oferecer pistas acerca de processos de constituição da autonomia, da cidadania e/ou de práticas de resistência contra a cultura sexista que ainda prevalece no Sertão, revelando também marcas de sua subjetivação³.

Consideramos a autonomia em sua dimensão política, ou seja, uma forma de emancipação que se desenvolve através do uso da linguagem nas interações sociais e, por isso, envolve competências comunicativas que existem como parte de uma atividade compartilhada de busca por entendimento. Nesse sentido, a construção da autonomia é intersubjetiva e exige competências comunicativas originadas nas redes interativas que as pessoas estabelecem umas com as outras. Contudo, devemos pensar que os sujeitos que se inserem nas práticas comunicativas do cotidiano desejam ter sua singularidade reconhecida, suas habilidades devidamente respeitadas e seu modo de viver incluído na "gramática" dos estilos de vida aprovados pela sociedade. É por isso que o processo de subjetivação envolve a potência do sujeito e o sujeito em sua potencialidade.

A popularização das novas tecnologias de comunicação e do acesso à internet são elementos de um cenário em construção. Mesmo sem acesso pleno à internet, em uma região na qual a maioria das residências ainda não conta com um computador conectado à rede, as *lan houses*, telecentros e outros estabelecimentos públicos são alternativas cada vez menos utilizadas após a disponibilidade do sinal (ainda que precário) de telefonia móvel. A adesão da população sertaneja às redes sociais virtuais também tem crescido e, apesar de a rede *Facebook* já existir desde 2004, o crescente uso dessa plataforma em pequenas cidades do Sertão piauiense ainda pode ser considerado um fenômeno recente, potencializado com a chegada dos celulares e *smartphones*. Hoje, é possível encontrar mulheres no Sertão que têm acesso aos aparelhos de telefonia móvel e que não têm sequer energia em suas residências.

É interessante destacar o forte potencial criativo da cultura sertaneja de empreender, resistir e inovar, em uma produção constante de formas originais de vencer obstáculos cotidianos. Prova disso são as alternativas desenvolvidas por algumas mulheres para driblar as dificuldades de acesso comunicacional, como o uso dos celulares em residências ainda sem energia elétrica, dependendo de deslocamento para recarregar as baterias dos aparelhos telefônicos. Essa não é uma iniciativa isolada no Sertão e pode ser comparada a outros tipos de apropriação existentes nessa região, como a adaptação de energia solar em locais que ainda não têm distribuição de energia elétrica e a fabricação artesanal de conversores para o uso de computadores em locais distantes de perímetros urbanos.

Acreditamos que essas, dentre outras táticas, podem sinalizar para ações políticas criativas, diante das adversidades que as sertanejas enfrentam diariamente na região em que vivem. Entretanto, sabemos que a dimensão institucional que dá origem a grande parte dessas adversidades não pode ser esquecida nem apagada via defesa do protagonismo e do mérito individual. Consideramos importante pesquisar fluxos, relações e dinâmicas no cenário digital, que impactam direta ou indiretamente indivíduos em praticamente todos os lugares do mundo, mas se dão de maneira diferenciada em cada contexto. Além disso, há aqui um potencial em contribuir para uma reflexão acerca da construção de relações sociais e dos modos de uso do *Facebook* a partir de mulheres situadas em um contexto de pobreza política⁴, com competências específicas e singularidades. Há possibilidade de analisar como a cultura local interfere nesses usos e apropriações, a partir de uma articulação inovadora de conceitos, recuperando o conceito de autonomia na literatura feminista, e com uma combinação metodológica específica para nosso objeto.

Além de obtermos inspirações e de buscarmos conceitos na matriz teórica europeia, por meio de teóricos como Foucault e Rancière (sobretudo com relação ao conceito de subjetivação), também ressaltamos a possibilidade frutífera de entrelaçá-la à matriz teórica latino-americana, representada aqui por teóricos como Galindo Cáceres, Martín-Barbero e García Canclini, a partir de uma necessidade que constatamos em nosso objeto. Apesar das distinções entre essas matrizes, é possível achar pontos convergentes como: a noção de autonomia que inclui a autorrealização dos sujeitos, as possibilidades de as técnicas de si gerarem transformações nos sujeitos e em seus contextos (PELBART, 2013, p. 231), a subjetivação que leva em conta aspectos de argumentação e

dramatização criativa, para a produção de sujeitos plurais e emancipados (LAZZARATO, 2014, p. 92), e a ideia de “mundos possíveis”, de Galindo Cáceres (1998), que parte da ideia de que podemos associar uma variedade de mundos conhecidos (ou de versões possíveis de mundo) em lógicas de comparação, controvérsia e reflexão.

Entendemos a necessidade de pesquisar os fenômenos comunicacionais relacionando dados aos usuários dos dispositivos, às práticas comunicativas, às formas de interação e aos lugares e culturas atrelados a esses fenômenos. Essas duas matrizes teóricas podem se encontrar a partir do momento em que a produção da autonomia e da subjetivação se dá em cenas de dissenso que envolvem uma dramatização catártica, melodramática, sensível e, ao mesmo tempo, a identificação de novas possibilidades de construção e partilha de um mundo comum, de mundos possíveis. Assim, observar como as redes sociais estão inseridas em contextos culturais que as circundam e interferem em suas práticas nos parece essencial para melhor compreendê-las.

FACEBOOK E CIBERESPAÇO: ATRAVESSAMENTOS E “MUNDOS POSSÍVEIS”

Galindo Cáceres, quando fala de mundos possíveis, ressalta o aparecimento de vínculos horizontais que tornam ainda mais complexa a sociedade, a partir de novas formas de contato e de relação, bem como de construção da vida social (1998). Assim, a partir de uma circulação informacional, permitida pelo ciberespaço, a vida social “pulsa” mais do que antes: a internet é a metáfora vital das possibilidades do que o autor chama de “multinteratividade” (GALINDO CÁCERES, 1998, p. 7)⁵.

É importante ressaltar que a internet não apaga as assimetrias comunicativas, mas que há uma potencialidade de surgimento de relações horizontais (ou menos verticais), com a ampliação das possibilidades de interações digitais múltiplas. Acreditamos que a ideia de que cada sujeito ou sujeita possa viver nos mundos que pode criar, a partir de recursos disponíveis para reconfiguração da sua percepção da vida (GALINDO CÁCERES, 1998, p. 8), perpassa também a questão da autonomia e da subjetivação, atravessando concepções de autorrealização e de agência, bem como da matriz que baseia esses mundos (a percepção de mundo real do sujeito baliza sua imaginação e sua criatividade) (LAZZARATO, 2014). Mundos possíveis dizem, sobretudo, de como as “técnicas de si” vão permitir aos indivíduos mudar condutas e pensamentos por si mesmos (PELBART, 2013, p. 231).

Foucault caracteriza a subjetivação a partir dos procedimentos por meio dos quais um indivíduo se “apropria de si”, transformando-se em sujeito de suas próprias práticas e construindo a si mesmo a partir de uma perspectiva ética que busca distanciar-se das regulações e normatividades do Estado. É esse entendimento de subjetivação que é descrito por meio de noções como “cuidado de si” e “técnicas de si”, que Foucault apresenta para enfatizar a capacidade que os indivíduos possuem de “efetuar, por si mesmos, um certo número de operações sobre o seu corpo, sua alma, seus pensamentos e condutas de modo a produzir neles uma transformação” (1984, p. 785). O poder produz sujeitos a partir do momento em que conhece a fundo as técnicas de si e, ao mesmo tempo, constrange sua utilização. Ainda assim, o sujeito foucaultiano é aquele que possui uma vida capaz de condutas, de ações e de utilizações criativas e subversivas/insubmissas das técnicas de si. Seria um sujeito capaz de criar e projetar heterotopias e mundos possíveis.

Sabemos que há possibilidades de controle, bem como relações de poder nas interações via internet, no entanto é preciso enfatizar que as relações entre os sujeitos alcançaram chances maiores de proximidade e de horizontalidade, se compararmos o ciberespaço com os meios de comunicação tradicionais. As possibilidades de visibilidade também aumentaram, com a conexão em rede, a probabilidade de o sujeito se expressar e de ser visto por outros no ciberespaço. Observamos, neste artigo, tanto as possibilidades de visibilidade e de expressão das sertanejas a partir de redes sociais, como o *Facebook*, quanto as limitações dessa interface.

O *Facebook* hoje tanto atravessa (e é atravessado por) sociedades e coletivos intensamente conectados por diversos meios de comunicação quanto por sociedades com carências comunicacionais, como a região do Sertão piauiense. Mais especificamente sobre o *Facebook*, van Dijck (2011, p. 160) explica que, enquanto uma plataforma de mídia social, essa rede social é composta por um espaço onde interesses privados, públicos e corporativos competem para produzir novas normas de sociabilidade e conectividade. Dessa forma, ocorre um fenômeno social muito maior, ligado à mudança das normas sociais para a comunicação e para o debate, à transformação das normas legais relativas à esfera privada e à privacidade (com a publicação de conteúdos que antes seriam de âmbito privado) e à reformulação de modelos de negócios convencionais (2011, p. 161). Isso se dá graças a um fluxo contínuo de comunicação informal - ideias, interesses, gostos, desgostos, boatos, ruídos e notícias - que é gerado por essas

plataformas digitais e está tornando-se um novo espaço substancial de comunicação, considerando que as plataformas estão sempre inacabadas, evoluindo constantemente, como verdadeiros “motores sociotécnicos de tendências em comunicação” (VAN DIJCK, 2011, p. 161).

De maneira similar a teóricos da cibercultura, van Dijck (2011) enfatiza as mídias e redes sociais digitais como meios para um potencial desenvolvimento de vínculos entre sujeitos, ideias e objetos, mais do que simplesmente facilitar conexões. Por outro lado, há uma intensa mineração de dados, um monitoramento constante dos adeptos do *Facebook* cujas preferências e características são observadas pela equipe gestora da plataforma, fluxos de dados que serão convertidos em informações coletivas e personalizadas, a partir de rastros dos usuários (p. 168). Há uma série de questões relacionadas a essa face das plataformas, tendo em vista que boa parte dos proprietários de perfis no *Facebook* não tem uma noção palpável do quanto se expõe e oferece informações, que serão capitalizadas pela plataforma, a partir de suas interações em rede com outros usuários. É preciso, então, considerar que, além de novos modos de sociabilidade, redes sociais como a que estamos analisando também são influenciadas por fatores sociopolíticos, legislações e demandas de mercado.

A renovação da teoria sobre as redes sociais, segundo van Dijck (2011), para utilização na modificação de normas legais ou de sistemas político econômicos, precisa considerar que elas estão em permanente evolução e modificação, atravessando os processos comunicativos de maneira complexa, inclusive abarcando normas preexistentes de comportamento e de interação e desafiando-as simultaneamente (VAN DIJCK, 2011, p. 165). Modos de comportamento e práticas culturais não podem ser dissociados dos usos nem dos mecanismos que constituem as redes sociais.

Os aspectos culturais interferem nas interações, na formação de laços sociais e no processo de repercussão social. Compartilhamos com Castells (2003, p. 34) a ideia de que “a cultura é uma construção coletiva que transcende preferências individuais, ao mesmo tempo em que influencia as práticas das pessoas no seu âmbito”. Dessa forma, podemos associar Castells a García Canclini, quando este cita que “as práticas culturais são, mais que ações, atuações. Representam, simulam as ações sociais, mas só às vezes operam como uma ação” (GARCÍA CANCLINI, 1997, p. 350).

Acreditamos que pesquisar as mediações, mais que os meios, é também investigar, sobretudo, a cultura imbricada nos processos comunicacionais, de forma a considerar conhecimentos e reconhecimentos. “Um reconhecimento que foi, inicialmente, operação de deslocamento metodológico para rever o processo inteiro da comunicação a partir de seu *outro* lado, o da recepção, o de resistências que aí têm seu lugar, o da apropriação a partir de seus usos” (MARTÍN-BARBERO, 1987, p. 10).

SUBJETIVAÇÃO E AUTONOMIA

A autonomia, de modo geral, não está relacionada ao individualismo ou à autossuficiência. Sua construção é intersubjetiva e exige competências comunicativas originadas nas redes interativas estabelecidas entre as pessoas. O sujeito autônomo é capaz de, primeiro, olhar para a sua trajetória de vida como algo que possui continuidade, permitindo-o projetar objetivos futuros e organizar o presente tendo em vista tais objetivos. E, segundo, ele pode fazer “um exame crítico de si mesmo e dos outros, de se engajar em processos de troca de razões e chegar a julgamentos que defende através de argumentos” (WARREN, 2001, p. 172).

Sob esse aspecto e, em nosso caso específico, a autonomia se refere à capacidade das mulheres sertanejas de decidirem por si sobre o que é melhor para elas, a partir de uma condição de agência, tendo em vista o benefício de direitos que por vezes podem lhes ser negados, seja por conta do estigma que envolve a condição de pobreza, ou por conta de uma desvalorização de gênero que ainda salta aos olhos na região em que vivem. Esse aspecto leva em conta também o enfrentamento de carências estruturais e materiais (MARQUES, 2007) que caracterizam seu contexto⁶.

É possível afirmar, então, que a autonomia envolve, de um lado, a busca pelo autochecimento e pela autorrealização, via constituição da identidade e da emancipação política e, de outro, a tensão que se estabelece entre o desenvolvimento de capacidades comunicativas e os constrangimentos (institucionais, simbólicos, políticos, econômicos etc.) que minam as possibilidades de transformação do sujeito em interlocutor paritário, moralmente digno de ser considerado e reconhecido como cidadão (MARQUES, 2007; WARREN, 2001).

A autonomia, ao depender da igualdade (reconhecimento recíproco dos sujeitos interlocutores), implica a adoção de uma atitude reflexiva em relação às próprias necessidades

e desejos. A conquista da autonomia política, em seu viés relacional, depende de componentes externos aos sujeitos, ou seja, de dimensões comunicativas, sociais e institucionais que, consideradas as assimetrias de poder e de discurso, os permitam participar da vida pública, sendo respeitados, ouvidos e considerados. O fato de esses constrangimentos serem capazes de impedir que as pessoas se tornem interlocutores em pé de igualdade deriva também da “internalização do direito que se tem de falar ou de não falar, da desvalorização do estilo de discurso de alguns indivíduos e da valorização de outros” (YOUNG, 2001, p. 370).

Dessa forma, entendemos que as pequenas formas de resistência, as opiniões divergentes e os projetos de vida que não se encaixam no que é “tradicional”, “aceitável” ou “comum” em um dado contexto, podem sinalizar para potencialidades de autonomia feminina, que podem se expressar através de seus usos e apropriações de redes sociais. É válido ressaltar que os usos dessas sertanejas são mediados não só pela própria tecnologia, mas também pela cultura, afinal ela é “o conjunto de modelos de pensamento e de conduta que dirigem e organizam as atividades e produções materiais e mentais de um povo, em sua tentativa de adaptar o meio em que vive a suas necessidades” (CORTINA, 2005, p. 148). Sabemos que os aspectos culturais tanto incidem sobre os modos de uso e apropriação de dispositivos e tecnologias quanto são impactados por esses usos, constituindo imaginários. Galindo Cáceres (1998) nos ajuda a pensar, de maneira similar a Cortina, em uma situação possibilitada pela cibercultura na qual mundos podem ser criados e vividos a partir de recursos disponíveis para reconfiguração da percepção da vida.

Partimos aqui de uma concepção de cidadania como ação, como possibilidade de mobilização, de forma que a cidadania comunicativa seria constituída para os sujeitos de direito e de demanda, no exercício desse direito. Nesse sentido, a autonomia dessas mulheres estaria atrelada a uma percepção da vida a partir de novas possibilidades (criação e vivência de mundos possíveis) e a um projeto de vida feliz, associado à capacidade de enxergar os outros e a si mesmas como “titulares de direitos e possuidores de deveres” (REGO; PINZANI, 2013, p. 57).

Não deixamos de estabelecer uma relação entre a condição de agência autônoma da mulher sertaneja e uma subjetivação que ocorre por meio da ruptura com uma ordem policial, ou seja, com os lugares fixados, com os nomes classificadores impostos a cada indivíduo (RANCIÈRE, 1995). Se pensarmos, junto com Rancière, que “a política seria

responsável por perturbar a forma policial de partilha do sensível⁷, que define a inscrição dos sujeitos em comunidade a partir de uma determinada distribuição de qualificações, espaços e competências” (MARQUES, 2013, p. 130), não nos parece que as interações no *Facebook*, por exemplo, estavam previstas no “script”, no que é esperado para mulheres pobres, que vivem no Sertão nordestino - algumas delas, inclusive, sem acesso à energia elétrica. Parece-nos produtivo pensar, ainda que preliminarmente, nas possibilidades de recusa do papel de marginalizada, em prol de um papel de quem também quer ter direito ao consumo midiático disponibilizado em rede, de quem quer mostrar seu rosto e seu corpo em uma *selfie*, de quem quer interagir por meio de redes sociais.

Ao sujeito é dado um nome definido pela partilha (pelo tomar parte) de tempos e espaços, tanto na sua forma de ação quanto na passibilidade correspondente a essa ação. De acordo com Rancière (1995), se há algo de próprio na subjetivação política, ele consiste na relação entre dois termos contraditórios que definem um sujeito. Com isso, quando um sujeito corresponde a apenas um nome, ele se dilui sob o controle de uma ordem consensual. Mas, quando um sujeito se percebe entre vários nomes, atravessado por um excesso de palavras, fica mais difícil controlá-lo, classificá-lo, atribuir-lhe apenas um lugar, um nome, uma visibilidade e um rosto. Sob esse aspecto, Rancière ressalta que, por subjetivação entende-se “a produção, por uma série de atos, de uma instância e de uma capacidade de enunciação que não eram identificáveis em um campo de experiência dado, cuja identificação e aparência (aparecer) está ligada à reconfiguração do campo da experiência” (1995, p. 59).

O “aparecer” é algo muito importante nesse contexto, considerando que “nada e ninguém existe neste mundo cujo próprio ser não pressuponha um espectador” (ARENDR, 1995, p. 17). A aparência, sendo um colocar-se em cena⁸ diante de um palco, percebido por diversos espectadores (ARENDR, 1995), nos ajuda a entender a importância do compartilhamento de imagens com exposição de rosto e de corpo de muitas mulheres do Sertão piauiense, passando por uma construção de sua própria aparência, aparecendo para outros de uma determinada forma e não de outra, alterando os modos sensíveis⁹ de percepção da alteridade.

As interações via rede social seriam, então, parte de um processo maior, que tem visibilizado e modificado em alguma medida a vida dessas mulheres, que passam a questionar muitas vezes o lugar que lhes é atribuído, a condição de “sem-parte”¹⁰. Há

a possibilidade de elas se desviarem dessa tentativa de homogeneização dos sujeitos através de nomes, fazendo parte de processos de subjetivação.

POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS

Pretendemos observar os usos e apropriações das mulheres sertanejas contatando-as tanto em nível presencial, questionando sobre usos do *Facebook*, quanto em nível digital, atentando para as interações, conteúdos e ferramentas usadas online. Através da pesquisa empírica, buscamos entender o que seria realização e autonomia para essas mulheres, a partir de uma aposta de que a rede social pode ajudar a construir sujeitos naquele contexto (a partir de experiências que ganham novos contornos com a plataforma do *Facebook*), mas não perdendo de vista que esses processos não se iniciam com as redes sociais, já que a construção de autonomia e de subjetivação precede a chegada das tecnologias digitais.

Nesta pesquisa, selecionamos como método central a netnografia, associada a ferramentas da teoria fundamentada (*Grounded Theory*), tendo em vista entender como as práticas relacionadas à rede social *Facebook* podem trazer novos aspectos para a subjetivação e autonomia das mulheres no Sertão do Piauí. Acreditamos que essa combinação pode nos ajudar a criar uma estrada, por onde caminharemos observando práticas das mulheres¹¹ sertanejas a partir de conexões que se estabelecem entre suas ações em âmbito virtual e em âmbito presencial.

Netnografia, na perspectiva de Kozinets (2002), é uma adaptação do estudo etnográfico às comunidades virtuais. O autor diferencia a netnografia de outros métodos, à medida que ela aborda os processos comunicacionais digitais de maneira ampliada, “como interações sociais, como expressões cercadas de significado e como artefatos culturais” (KOZINETS, 2010, p. 6), considerando, portanto, a dimensão simbólica que atravessa essas interações.

Escolhemos a netnografia como método central porque pretendemos fazer uma observação, em âmbito digital, de forma a evitar constrangimentos em relação às formas de apropriação e de uso cotidiano da rede social, o que provavelmente aconteceria caso monitorássemos presencialmente esses usos. Com uma coleta de dados realizada através de *printscreens* (capturas de tela) do conteúdo digital e também por meio de observações registradas em um diário de campo, pensamos ser possível um monitoramento

que apreenda mais “espontaneamente” as práticas das sertanejas, seja através da publicação de *selfies*, seja a partir de postagens que evidenciem questões políticas, ou através da identificação de cenas de dissenso nas interações digitais, por exemplo, que nos indicam elementos de autonomia e de subjetivação. Além disso, uma potencialidade da netnografia é a sua proposição de procedimentos de análise e de um planejamento desses procedimentos para contato com o fenômeno investigado, no entanto sem a necessidade de limitação a formas fixas e rígidas nesse processo.

Para complementar o método netnográfico, optamos por incorporar procedimentos inspirados na teoria fundamentada ao nosso desenho metodológico. Estamos desenvolvendo uma pesquisa piloto ancorada na netnografia e em uma perspectiva crítica¹² da teoria fundamentada, considerando o potencial deste último método em despertar no pesquisador uma “sensibilidade teórica” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011; ALLAN, 2003) e em fazer emergir conceitos a partir de condições específicas do fenômeno social (CORBIN; STRAUSS, 1990). Assim como Frago, Recuero e Amaral (2011), acreditamos na retroalimentação entre o empírico e sua análise, nas questões emergentes de uma coleta flexível que gere possíveis categorias analíticas, permitindo que “os dados encontrados em campo também guiem a teorização” (p. 111). Assim, partindo de uma primeira experiência empírica mais flexível e mais aberta ao que nosso objeto tem a nos dizer, acreditamos na possibilidade de as sertanejas nos apontarem elementos que ainda não estejamos considerando nesta pesquisa, que possam nos demandar outros conceitos teóricos e outras reflexões.

Utilizamos um roteiro de entrevistas na pesquisa que não é rigorosamente seguido, já que, a cada entrevista, podem ser descobertos novos e interessantes aspectos para a análise, bem como surgir novas inquietações - sem perder de vista os objetivos iniciais da pesquisa e, concomitantemente, acrescentando questionamentos pertinentes que porventura surjam nos movimentos exploratórios.

Tivemos o cuidado de configurar um questionário que nos auxilia a limitar as narrativas, a fim de extrair das entrevistas dados importantes para nossa pesquisa, focando nos usos e apropriações da rede social e na busca por práticas que envolvam posicionamentos, formas de expressão e ideais de autorrealização expressos por essas piauienses. Assim, buscaremos entender como o *Facebook* poderia ajudar (ou não) na configuração dos processos de construção da autonomia e subjetivação das mulheres pesquisadas, ao dar a ver modos como constroem uma forma criativa de ser no mundo e de organizar

suas experiências e modos de enunciação. É válido ressaltar que teremos um cuidado com a linguagem, para adequar nossas perguntas ao vocabulário das sertanejas, bem como buscamos estratégias para intervir e direcionar as falas das entrevistadas aos nossos objetivos de pesquisa.

CONSIDERAÇÕES

Dentre nossas constatações, neste início de pesquisa, está o fato de o *Facebook* ser importante para a subjetivação das mulheres sertanejas, através da expressão de si performada na visibilidade do corpo e do rosto delas. Esse aparecer é algo que nos instiga a pensar de que forma elas constroem imagens de si, como elas querem aparecer para os outros, interagindo com eles de modo autônomo e paritário. O rosto nos parece um conceito interessante para podermos olhar para os modos de “aparência” performática dos sujeitos na imagem e identificar que tipo de olhar e de implicações esse “aparecer” suscita junto àqueles que observam as imagens presentes no *Facebook*. E, nessas duas operações, é a “aparência” que está em jogo.

Os indivíduos, quando “aparecem”, desencadeiam um processo de subjetivação e de criação de formas dissensuais de expressão e comunicação que inventam modos de ser, ver e dizer, configurando novos sujeitos e novas formas de enunciação coletiva. Isso remete à invenção de novas visualidades e interlocuções nas quais se inscrevem o rosto e a palavra e nas quais os próprios sujeitos se constituem de maneira performática. Acreditamos que os autorretratos (*selfies*) podem tanto indicar pistas de agenciamentos que visam submeter os corpos à violência de um “governo de si” marcado pela opressão, quanto nos colocar diante de um outro que nos interpela, que sofre, que deseja e que nos convida a nos afastarmos de nós mesmos.

Pretendemos também averiguar, posteriormente, como são construídas relações com outras pessoas via *Facebook*, bem como compreender o processo de subjetivação envolvido nas interações que envolvem textos verbais e imagens. Não se trata apenas de uma questão de aparecer na rede da mesma forma como todo mundo aparece, mas também da rede social como símbolo das possibilidades de as sertanejas se configurarem enquanto interlocutoras.

Além disso, esses usos fazem com que essas mulheres estejam presentes em um espaço que elas não habitam usualmente, que vai além das fronteiras de suas casas, de suas

comunidades, de suas cidades e do próprio Sertão. A construção de mundos possíveis, ainda que virtuais e que vão além das fronteiras, está dentro de possibilidades que o *Facebook* oferece e dentro de perspectivas ligadas ao contexto presencial com que elas têm contato cotidianamente. Então, mesmo a perspectiva de uma realidade melhor vai passar por aspectos vivenciados por elas na região do Sertão do Piauí, reafirmando elementos culturais. Assim, torna-se imprescindível pesquisar de que forma a cultura local/regional interfere nos usos dessa rede social e como os usos do *Facebook* incidem nessa cultura.

REFERÊNCIAS

- ALLAN, George. A critique of using grounded theory as a research method. *Electronic Journal of Business Research Methods*, v. 2, n. 1, p. 1-10, 2003.
- BOHMAN, James. Deliberative Democracy and Effective Social Freedom: capabilities, resources, and opportunities. In: _____.; REHG, William (Ed.). *Deliberative democracy: Essays on reason and politics*. Cambridge: MIT press, 1997.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Trad. Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 3ª ed.
- CORBIN, Juliet; STRAUSS, Anselm. Grounded Theory Research: Procedures, Canons and Evaluative Criteria. *Qualitative Sociology*, v. 13, n. 1, 1990.
- CORTINA, Adela. *Cidadãos do mundo: para uma teoria da cidadania*. Tradução de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Loyola, 2005.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Trad. Vera Casa Nova; Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. (Ed.). *M. Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Rorense Universitária, 1995.
- _____. Les techniques de soi. In: DEFERT, Daniel; EWALD, François; LAGRANGE, Jacques. *Dits et écrits*. 1954-1988. Paris: Gallimard, 1984.
- FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de Pesquisa para a Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

- G1. *Brasil ultrapassa 50 milhões de usuários no Facebook, diz pesquisa*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/06/brasil-ultrapassa-50-milhoes-de-usuarios-no-facebook-diz-pesquisa.html>>. Acesso em: ago. 2013.
- GALINDO CÁCERES, Jesús. Cibercultura, Cibercidadad, Cibersociedad: Hacia la construcción de mundos posibles en nuevas metáforas conceptuales. In: *Intexto*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 1, n. 3, jan./jun. 1998.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloísa Pezza Cintrão; Ana Regina Lessa. São Paulo: EDUSP, 1997.
- KOZINETS, Robert. The Field Behind the Screen: Using Netnography for Marketing Research in Online Communities. In: *Journal of Marketing Research*, 2002. Não paginado.
- _____. *Netnografia: A arma secreta dos profissionais de marketing*. 2010. Disponível em: <http://kozinet.net/_oneclick_uploads/2010/11/netnografia_portugues.pdf>. Acesso em: ago. 2011.
- LAZZARATO, Maurizio. *Signos, máquinas, subjetividades*. São Paulo: Sesc;n-1 edições, 2014.
- MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. *O processo deliberativo a partir das margens: o programa Bolsa-Família na mídia e na fala das beneficiárias*. Tese (Programa de Pós-graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2007.
- _____. Três bases estéticas e comunicacionais da política: cenas de dissenso, criação do comum e modos de resistência. *Revista Contracampo*, n. 26, p. 126-145, 2013.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *De los medios a las mediaciones*. México:Gustavo Gilli, 1987.
- PELBART, Peter Pál. *O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento*. Trad. John Laudenberger. São Paulo: n-1 edições, 2013.
- RANCIÈRE, Jacques. Le tort: politique et police. In: *La Mésentente: politique et philosophie*. Paris: Galilée, 1995.
- _____. *Aux bords du politique*. Paris: Gallimard, 2004.
- _____. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Exo/Ed.34, 2009.
- _____. *Dissensus: on politics and aesthetics*. Trad.: Steven Corcoran. London: Continuum, 2010.
- REGO, Walquiria Leão; PINZANI, Alessandro. *Vozes do Bolsa Família: autonomia, dinheiro e cidadania*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SOUZA, Jessé. **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

VAN DIJCK, José. Facebook as a tool for producing sociality and connectivity. **Television & New Media**, p. 160-176, 2011.

WARREN, Mark. **Democracy and Association**. Princeton/New Jersey: Princeton University Press, 2001.

YOUNG, Iris. Comunicação e o outro: além da democracia deliberativa. In: SOUZA, Jessé. **Democracia hoje: novos desafios para a teoria democrática contemporânea**. Brasília: Editora da UnB, 2001. p. 365-386.

NOTAS

1. Esta pesquisa é financiada pela CAPES; Uma versão deste texto foi apresentada no VIII Simpósio Nacional da ABCiber, realizado pelo ESPM Media Lab, nos dias 03, 04 e 05 de dezembro de 2014.
2. Se pensarmos que as possibilidades de acesso à rede são ainda mais dificultadas em regiões distantes das capitais e de grandes centros, o Sertão piauiense - região com alguns dos mais baixos índices de desenvolvimento humano do Nordeste - é uma das regiões menos privilegiadas em termos comunicacionais: não somente o acesso à internet é precário, mas também o acesso à telefonia móvel e a alguns canais de TV, inclusive do próprio estado.
3. O processo de subjetivação está relacionado à presença dessas mulheres em redes sociais como o *Facebook*, às suas falas, bem como às imagens que produzem, difundem e que podem ser caracterizadoras do que é feminino, atravessando suas práticas cotidianas e sua linguagem, inclusive em produções fotográficas, como *selfies*.
4. A pobreza política estaria ligada à ausência de “capacidade” de participação democrática e deliberativa, não podendo ter suas preocupações ouvidas e realmente consideradas (BOHMAN, 1997).
5. “Um cenário único, com novos protagonistas, a lógica comunicativa de uma vida horizontal, do diálogo, da interação e do enriquecimento a partir de contribuições mútuas”: é assim que Galindo Cáceres enxerga a rede de relações gerada pela internet, com menores possibilidades de controle central, formando uma “cibersociedade” (1998, p. 9).
6. A questão da construção da autonomia também diz respeito aos agenciamentos e poderia relacionar-se com a metáfora dos vaga-lumes de Didi-Huberman (2011), à medida que há possibilidades de haver posturas questionadoras, resistentes ou de insatisfação na busca pela autonomia, ainda que parcialmente, por parte dessas sertanejas.
7. O termo “sensível” em Rancière pode ser definido como “uma outra forma de montar a cena de enunciação e aparição, ao produzir diferentes relações entre palavras, os tipos de coisas que elas designam e os tipos de práticas que empoderam” (2010, p. 54). O sensível relaciona-se às percepções e capacidades dos corpos, cavando hiatos, abrindo derivações, modificando maneiras, velocidades e trajetórias.
8. O termo “cena” recorda, para Rancière, o espaço do teatro, no qual os atores criam atos enunciativos por meio dos quais inauguram um tempo e um espaço capazes de permitir novos recortes e territorializações do espaço material e simbólico.
9. Não se trata simplesmente de apontar formas ideológicas de camuflar desigualdades, mas de nomear e tornar visíveis e verificáveis as experiências singulares que tornam uma condição intolerável.
10. Não consideramos aqui os “sem parte” como pessoas pobres ou socialmente marginalizadas. Embora essas pessoas possam estar nessa condição, ser “sem parte” é estar desfavorecido em um dispositivo de partilha

do sensível, é não poder tomar parte do comum por causa do que faz, do papel social que lhe é imposto (RANCIÈRE, 2009). A noção de sem-parte indica a forma como esses indivíduos conseguem, por meio de uma operação enunciativa (argumentativa e performática), marcar, traçar, fazer aparecer como problema um hiato, uma ruptura onde a ordem consensual insiste em operar e manter a inclusão de todos e a adequação de cada um a um lugar e a uma ocupação.

11. Preliminarmente, já percebemos que a maioria das mulheres que têm perfil na rede social é de jovens (adolescentes e adultas) que têm um nível de escolaridade mínimo (ensino fundamental).
12. A perspectiva crítica da *Grounded Theory* considera que as experiências prévias do pesquisador auxiliam na pesquisa de campo, mas não pré-determinam o que será encontrado, deixando os dados empíricos demandarem as teorias conforme as especificidades do objeto investigado.

Artigo recebido: 20 de julho de 2015

Artigo aceito: 18 de agosto de 2015